

O CINEMA EM DIÁLOGOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DE SABERES SOCIAIS EM SALA DE AULA (ATHENEU NORTE-RIOGRANDENSE)

Prof. Doutorando Dannyel Brunno Herculano Rezende
Colégio Estadual do Atheneu Norte-Riograndense
drezende@bol.com.br

Resumo: Neste trabalho procuramos discutir as experiências educacionais vivenciadas no Colégio Estadual do Atheneu Norte-Riograndense em 2015. Tais experiências foram colocadas em prática por meio do projeto “Sociologia e Cinema” (fomento ProEMI - SEEC/RN). O projeto tinha por objetivo desenvolver atividades fílmicas, direcionadas à exibição de películas e à construção de rodas de debates que colocassem em relação a Ciência da Sociedade e o Cinema. Dessa maneira, foram abordados diversos temas como cidadania, trabalho, cultura, sexualidade, dentre outros, os quais, dialogados, aprofundavam saberes de sala de aula. Esta proposta está assentada em documentos “etnográficos” que incorporam um conjunto variado de informações sobre a escola, sobre a disciplina de sociologia e sobre o cinema, além de registros fotográficos e diálogos construídos durante as exibições com os alunos. Contamos também com informações sobre o ProEMI e com uma importante bibliografia destinada a subsidiar o debate nas questões de cinema e educação.

Palavras-chave: Sociologia e Cinema, Atheneu Norte-Riograndense, ProEMI.

1. Introdução

A sociologia no Ensino Médio é de fundamental importância para a formação de milhares e milhões de jovens em todo o país. Pois, vivemos um momento histórico de intensas transformações e incertezas quanto ao futuro da sociedade. O cenário de fragmentação social, a precarização no campo do trabalho, as transformações nas relações humanas e em instituições como a igreja, a família, os meios de comunicação, a escola, os partidos políticos, entre outros, colocam importantes desafios a serem compreendidos por toda a sociedade e principalmente pela juventude (BRIDI; ARAÚJO; MOTIM, 2010).

A sociologia, nesse sentido, vem contribuindo para o desvelamento das questões sociais que envolvem a atualidade, estimulando o desenvolvimento da consciência social dos discentes, ensinando-os a questionar e a transformar essa realidade, uma vez que “não basta conhecer por conhecer, é preciso algo mais. É preciso um conhecimento que nos direcione para a responsabilização social, pelo que somos e nos transformamos” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2011). Enquanto Ciência da Sociedade, a sociologia procura oferecer a crítica social própria de uma formação humanística e como promotora do desenvolvimento da inteligência social, a escola, nesse processo, busca levar o aluno a “aprender a aprender” e a pensar sobre a realidade em mutação (BRIDI; ARAÚJO; MOTIM, 2010).

É nesse contexto de ensino-aprendizagem que se inserem as diversas possibilidades educacionais e pedagógicas para tornar possível o aprender

sociológico. Entre elas, o ensino da sociologia por meio de metodologias e recursos de caráter tecnológico e/ou audiovisual, como é o caso da utilização do cinema no ambiente escolar. A esse respeito, compreendemos que apesar de ter havido no país uma maior ampliação de seu usufruto no campo educacional, a sua plena utilização encontra ainda muitos obstáculos: seja pelo difícil acesso de professores e alunos aos bens tecnológicos, necessários à atividade fílmica; seja pela formação docente ainda fragilizada na área; ou, também, pela ausência do gosto ou interesse que falta há muitos à sétima arte. Reconhecemos, porém, os grandes benefícios que podem proporcionar à formação do aluno.

Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional, quanto à leitura das obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais (DUARTE, 2006, p. 17). Possibilita novos significados e sentidos para a vida e para o entendimento dela. Apresenta, pois, um caráter socializador ao conservar e difundir valores instituídos, como também pode configurar como fonte de crítica ao questionar valores e difundir percepções que fluem em sentido contrário ao da ordem já estabelecida. É claro que passar filmes para alunos nas escolas ou instruí-los a assistir em casa, tem sido uma prática, até certo ponto usual. Contudo, é preciso ressignificar essa prática, otimizar seu uso dentro da escola, aproveitar a linguagem cinematográfica, promover debates, reflexão e, conseqüentemente, desestabilizar dogmas (SILVA, 2007, p. 53-4).

A nossa proposta busca, justamente, discutir uma iniciativa em fortalecer o aprendizado da disciplina de sociologia, enriquecer o seu processo pedagógico, tornando os seus conteúdos mais reais e permanentes ao estudante. Nesse sentido, buscamos valorizar o currículo dos educandos, uma vez que ao se trabalhar com o cinema, contemplam-se os aspectos da ciência, da cultura, da tecnologia e do trabalho (tornando-os indivíduos mais críticos e com uma formação básica mais consistente), contribuindo para uma formação mais completa, assegurada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e em conformidade à proposta do Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI).

Assim, expomos as nossas experiências educacionais com o cinema, ocorridas durante o segundo semestre de 2015 no Atheneu Norte-Riograndense. O projeto, de modo geral, foi realizado nas segundas e terças-feiras, no sexto horário das aulas do turno vespertino e contou com o fomento da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC/RN) por meio do ProEMI (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, 2015).

2. Metodologia

Essa experiência tem sustentação em uma variedade documental reunida durante as exposições filmicas que vai desde um rico trabalho “etnográfico” a materiais construídos para a sala de aula (planejamentos, materiais didático-pedagógicos, etc.), contando, também, com indicações bibliográficas que orientam a escrita do texto e a sua problematização. Nossas reflexões dialogam, portanto, com o registro de campo, o cinema, as anotações sobre a sala de aula, bem como documentos fotográficos construídos durante a vigência do projeto. A coleta desses dados foi orientada por uma perspectiva focada na caracterização e registro de todas as informações pertinentes à realidade escolar. Isso significou a realização de diálogos com os alunos, professores, funcionários e administração.

Referencialmente, no campo da sociologia direcionada ao Ensino Médio, além das já citadas docentes: Maria Aparecida Bridi, Silvia de Araújo e Benilde Motim (2010; 2011), contamos, também, com a indicação do livro didático dos professores Luís Fernandes de Oliveira e Ricardo Cesar da Costa (2013). Para as leituras mais gerais sobre cinema e educação, nos apoiamos, principalmente, nas contribuições das professoras Rosália Duarte (2006), Roseli Pereira Silva (2007) e Lucilla Pimentel (2011). Nas questões que dizem respeito à pedagogia docente, fundamentamos quase todo o nosso texto nas interpretações do educador Paulo Freire (2006; 1996; 2005; 2011, 1990).

3. A experiência do cinema na construção de saberes sociológicos

3.1. A organização do cinema na escola

Conforme pensa o professor Marcos Napolitano (2009, p. 30), o cinema, assim como o samba, “não se aprende na escola” (Noel Rosa), mas o seu uso pode trazer para a escola a experiência de ver um filme, analisá-lo, comentá-lo e trocar ideias em torno das questões por ele suscitadas. Evidentemente que não se trata de “aprender cinema na escola”, mas de aprender a pensar o mundo por uma das experiências culturais mais fascinantes e encantadoras dentro de uma instituição que tem muito a nos oferecer.

O cinema representa um forte aliado à educação, uma maneira rica de estimular os discentes a ver diferente a realidade a sua volta, educar o olhar e incentivar o exercício da reflexão. Para que isso, de fato, pudesse ocorrer na escola, o caminho encontrado foi envolver

os educandos no processo de construção, no qual a participação da maioria foi fundamental para a sua existência e consecução dos objetivos do projeto¹.

Nesse sentido, a experiência organizacional, fundamentada em princípios freireanos (FREIRE, 2006; 2005; 1996), foi feita da seguinte maneira: marcada a primeira reunião no auditório da escola, foi construído uma pauta que priorizasse as principais temáticas de sociologia voltadas para o Ensino Médio, contempladas em maior parte nos livros didáticos (OLIVEIRA; COSTA, 2013) e, a partir dela, as sugestões filmicas para o cinema. Em seguida, as definições de responsabilidades e as datas das sessões. Por último, a demarcação da sala de cinema.

Partindo, então, das sugestões temáticas, foram elencados, com a nossa orientação, os diversos conteúdos trabalhados e a se trabalhar nas três séries (1º, 2º e 3º) do 2º Grau. As temáticas sugeridas foram colhidas a partir dos conhecimentos dos alunos e complementadas com os conteúdos do plano de aula docente, podendo, ao final, ser organizadas da seguinte maneira: Indivíduos e Instituições Sociais; Classe e Estratificação Social; Cultura e Sociedade; Diversidade Cultural; Diversidade Religiosa; Diversidade Sexual e Gênero; Trabalho e Sociedade; Pobreza e Desigualdade Social; Violência, Crime e (In)justiça; Democracia, Cidadania e Direitos Humanos.

A partir de tais temas, os estudantes se comprometeram em trazer sugestões de cinema que conhecessem, nos mais diversos gêneros possíveis (documentário, ficção, biografia, comédia, drama, suspense, etc.). Filmografias conhecidas ou que teriam interesses em assistir novamente, agora de maneira compartilhada e dialogada, filmes mais recentes e de várias nacionalidades, dentro ou fora do circuito comercial, mas que pudessem ser acessíveis ao grupo. Longa e curta metragem, películas de distintas épocas e escolas cinematográficas, entre outros.

Uma vez feitas as sugestões filmicas, anotadas e discutidas nas reuniões, foram selecionadas, por votação, as que iriam para a exibição no projeto: “Deus não está morto” (Drama, Harold Cronk, 2014), “O menino de pijama listrado” (Drama, Mark Herman, 2008), “Somos tão jovens” (Drama/Biografia, Antônio Carlos Fontoura, 2013), “Identidade, gênero e diversidade sexual na escola” (Documentário, Alípio de Sousa Filho, 2009), “O sal da terra” (Documentário/Biografia, Diretor: Wim Wenders/Juliano Ribeiro Salgado, 2015) e, por último, Lincoln (Drama/Biografia, Steven Spielberg, 2015).

¹ Cf. Projeto escolar: “Sociologia e Cinema – uma proposta ao aprofundamento do aprendizado critico-social na escola” de autoria do professor Dannyel Rezende. Disponível em: drezende@bol.com.br.

O interessante dessa seleção é que ela foi fruto das escolhas dos estudantes, reforçando a tese da importância da identificação do espectador com os filmes (DUARTE, 2006). Como a grande parte dos alunos já tinha conhecimento das películas, o que estava em jogo era a possibilidade de uma releitura do cinema em grupo. Os educandos, também, souberam relacionar as diversas indicações temáticas com as abordagens filmicas. Respectivamente aos temas da “religião”, dos “direitos humanos”, da “diversidade sexual”, da “cultura e diversidade cultural” e da “democracia e cidadania”.

Uma forma importante de construir autonomia ao grupo e conferir maior vida ao projeto, foi envolver os educandos em funções de administração e apoio pedagógico do projeto. Assim, por meio de monitorias, buscou-se construir maiores responsabilidades nos discentes, capacidade de liderança e vontade de estudar para melhor dialogar com os participantes. Dessa maneira, foram escolhidos, por votação, dois nomes de alunos para auxílio organizacional (preparação de sala, instalação de equipamentos, etc.) e dois nomes com função pedagógica (auxiliar de orientação no projeto).

Os discentes da monitoria tinham um diálogo mais direto conosco e nos reuníamos frequentemente para as sugestões e encaminhamentos mais gerais. Essa postura de organização assentou-se no método pedagógico de Freire (2005; 2006; 1996) que procura construir responsabilidades no educando, reconhecendo a sua autonomia e capacidade de intervenção no mundo, possibilitando a prática de sua valorização como homem.

Nesse sentido, a nossa metodologia de ensino-aprendizagem com o cinema, fundamentou-se, principalmente, na ideia e prática do “diálogo” como estratégia permanente à reflexão do mundo social. Vale lembrar, o diálogo não é apenas técnica como o “ir e vir”, é essencialmente condição da própria aprendizagem humana, ou seja, “algo que pertence a própria natureza do ato de conhecer” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011). De modo geral, como estrutura democrática e propulsora da construção de saber crítico-reflexivo, o diálogo pode ser visto como uma relação horizontal de A com B, nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Exercita-se a comunicação (FREIRE, 2006, p. 115).

Quadro de organização geral do cinema:

- Para o semestre: 1 ciclo de cinema.
- Número inicial de inscritos: 90 alunos (1º, 2º e 3º Séries).
- Meses: (Julho), Agosto, Setembro, Outubro, Novembro, (Dezembro).
- Sugestão de temas em cada mês: 1 tema (total de 6 temas).
- Sugestão de filmes em cada mês: 1 filme (se for curtas o número de películas poderá ser alterado).
- Sugestão de turmas: uma turma.
- Encontros semanais (segunda e terça / 6º horário).

Programação inicial e datas:

- Dia 28/07 – 1ª reunião geral de organização.
- Dia 03/08 – Seleção dos filmes e finalização organizacional.
- Dia 04/08 – Abertura oficial com a primeira exibição geral (local: Auditório da escola).

3.2. As sessões, as atividades criadoras e os debates

A sessão de abertura se deu com o curta-metragem “Bilú e João” (direção de Kátia Lund, Brasil), inserido no filme “Crianças invisíveis” (longa-metragem, 2002, produzido com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef. O filme conta com vários diretores internacionais em sete segmentos filmicos). O curta relata uma fascinante história de duas crianças, uma garota e um garoto de aproximadamente 10 a 12 anos de idade que se aventuram na maior cidade brasileira, São Paulo, com o intuito de conseguir dinheiro para a sua família.

Em suas trajetórias, eles irão passar por muitos desafios e ameaças, mas também por muitas alegrias e experiências. O filme deixa à mostra não apenas as questões da pobreza, da desigualdade social e do desrespeito aos direitos das crianças no país, mas também revela a grande capacidade de resiliência, criatividade e saber que as crianças possuem ao lidar com o mundo real, o qual requer deles importantes habilidades de sobrevivência.

A sessão do cinema foi marcada por muitas expectativas, atenção e um debate proveitoso, reflexivo e crítico. De maneira ampla, foi acentuado pelos participantes a coragem dos meninos e a dureza da vida que enfrentavam, o porquê de não estarem na escola, as negativas de trabalho no comércio de São Paulo, os possíveis sonhos que tinham e se conseguiriam realizar, a fragilidade da infância e a vida adulta e, finalmente, o cenário urbano que chamou a atenção dos educandos, a destacar os símbolos da desigualdade de moradia evidentes nos contrastes das submoradias e dos arranha-céus visualizados na tela.

Foi uma exibição rápida, porém com muita alegria e vontade para o debate, a intenção geral era estimular a crítica, ao fazer saltar as diversas observações, muitas vezes conflitantes, e o gosto pela arte cinematográfica. Em síntese, pretendíamos iniciar as discussões e empolgar os discentes para as próximas exibições, o que surtiu efeito. Vejamos.

A primeira sessão, dentro das escolhas feitas pelos alunos, foi marcada pela exibição do longa-metragem “Deus não está morto”, um drama norte-americano que aborda o desafio de um estudante cristão, Josh Wheaton, em enfrentar um forte pensamento ateu agressivo a sua fé em seu primeiro dia de aula na universidade. Narra-se um contexto de violência simbólica (BOURDIEU, 2006) sobre Josh e a sua turma quando, na aula de filosofia, o professor Jeffrey Radisson os orientam a negarem, por escrito, a existência de Deus. Apesar de muito angustiado, Josh não cede às pressões e contesta o professor. A partir desse momento, defenderá a existência de Deus para toda a classe.

Esse filme ensejou importantes críticas durante o debate. Foram diversas colocações dos alunos, sobretudo, em defesa do protagonista Josh e da importância da fé cristã. Contudo, outras possibilidades de reflexões vieram à tona no momento em que sugerimos a todos os seguintes questionamentos: “além do cristianismo, que outras religiões aparecem no filme? quantos são?” “Há diversidade?” “Como elas são representadas? e como aparece o direito de não ter religião?”, entre outras, estimulando “a competência para ver” (DUARTE, 2006).

Esse debate foi ainda mais aprofundado ao emprendermos uma atividade que tinha por objetivo despertar novas e mais compreensões sobre o tema ao dialogarmos com acontecimentos sociais recentes. Isso foi possível por meio da construção de grupos de participantes voltados para a leitura de imagens e a elaboração de pensamentos sobre a realidade. Assim, contando com imagens provocadoras (charges) retiradas das capas da revista Charlie Hebdo, no contexto atual de violências político-religiosas no mundo, foi sugerido o confronto de reflexões sobre a vida em sociedade, as imagens postas e as interpretações trazidas pelo filme.

Assim, nas diferentes possibilidades “da leitura do mundo e leitura da palavra” dos educandos (FREIRE, 2006; FREIRE; MACEDO, 1990) foi possível reconstruir reflexões sobre a necessidade do respeito à diversidade religiosa, aos que não tinham religião e da convivência pacífica entre as diferentes expressões de fé, como também, identificar os equívocos do radicalismo religioso e do ateísmo desrespeitador das diferenças.

A segunda sessão, procurando discutir o tema dos direitos humanos, trouxe como escolha o título “O menino de pijama listrado”, um filme de origem dupla, norte-americana e inglesa, cuja história se passa durante a Segunda Guerra Mundial. Nele, uma família alemã se muda de Berlim para Auschwitz, pois o patriarca, um destacado oficial nazista, é ordenado a trabalhar em um campo de concentração. Assim, Bruno, um garoto de 8 anos e protagonista da história, começa uma fascinante amizade com Samuel, um menino judeu de mesma idade. Entre outras coisas, o filme aborda questões sobre o preconceito étnico, injustiças, Estado ditatorial, ausência de liberdade e violações dos direitos humanos.

Esse drama possibilitou reflexões múltiplas e diálogos com os conteúdos de disciplinas como História, Filosofia e Sociologia. Após o debate, no qual os alunos colocaram as suas impressões sobre o filme e acentuaram situações angustiantes do campo de concentração nazista, foi sugerida uma atividade em que pudessem representar, nas cartolinas, imagens e principais impressões que tiveram. A partir delas, aprofundar os sentidos.

O exercício dessa atividade ampliou o potencial das discussões ao colocar os participantes como protagonistas e construtores de símbolos (PIMENTEL, 2011, p. 93). Em grupos, puderam apresentar as suas representações e compartilhar os olhares com os demais colegas, viabilizando um espaço favorável à emergência do saber crítico, uma vez que despertada à curiosidade em entender o trabalho do outro e com ele buscar explicação, isso gerava a necessidade de verbalização e com essa, novas indagações e respostas num ciclo de conhecimento e criticidade.

A sessão seguinte foi marcada pela exibição do longa “Somos tão jovens”. A película contou a emocionante história da transformação de Renato Manfredini Júnior no destacado compositor e cantor Renato Russo, revelando como um rapaz de Brasília, no final da ditadura, criou canções belíssimas que se tornaram verdadeiros hinos da juventude urbana dos anos 80. O filme abre possibilidades para a discussão de diversos temas, como cultura, grupos urbanos, identidade, sexualidade, juventude, entre outros. A exibição desse filme foi caracterizada por muita emoção, pois se tratava de uma narrativa pontuada por namoros e amizades, além de um forte tom musical presente no repertório da maioria dos alunos e que compunham as suas histórias de vida, revelando que a linguagem cinematográfica modifica a subjetividade humana (SILVA, 2007, p. 100).

Terminado o filme, ressaltamos os diferentes temas e as impressões do cinema. Ficou claro o foco dado ao tema da sexualidade, em virtude de o protagonista ser homossexual, com cenas nesse sentido, e por esse tema se constituir de grande interesse na vida dos educandos. O diálogo foi aprofundado por uma atividade semelhante a anterior, porém organizada da seguinte maneira: foram feitos três grandes grupos, um composto só por alunos, outro só por alunas e outro misto (alunos e alunas) e a partir da temática do gênero e da sexualidade, apontada com vigor no filme, solicitamos, com o apoio das monitorias, que cada grupo expusesse (com cartolinas e lápis coloridos) as suas compreensões sobre questões de gênero e sexualidade. Os alunos iriam, assim, expor suas compreensões sobre as mulheres, as alunas sobre os homens e o grupo misto, sobre a homossexualidade masculina e feminina.

De modo geral, percebemos as representações que eles tinham sobre os diferentes gêneros e comportamentos sexuais, o que foi muito empolgante e gerou um debate sem limites de tempo. O mais importante do diálogo é que foi possível tecer compreensões alternativas e desfazer alguns dos preconceitos postos.

Esse tema, de grande aceitação entre os estudantes por despertar a curiosidade e dialogar diretamente com suas vivências, abriu espaço, na sessão

seguinte, para a visualização de um interessante documentário educativo, produzido como parte das ações do “Projeto Identidades, Gênero e Diversidade Sexual na Escola”, coordenado pelo Professor Alípio de Sousa Filho do Departamento de Ciências Sociais/UFRN.

O vídeo, de nome semelhante, trouxe alguns recortes sobre o tema o qual foi retomado e aprofundado. Trata-se de um documentário esclarecedor, organizado em tópicos curtos, com falas de estudantes e professores das escolas públicas de Natal/RN, de professores da UFRN e de pessoas vítimas da violência e do preconceito sexual. Esse documentário pôde complementar algumas lacunas deixadas nas discussões anteriores. Em face de sua abordagem, foi feita uma roda de diálogo para colher as interpretações e ensinar a crítica.

A quinta sessão de cinema contou com o documentário “O sal da terra”, uma biografia sobre o renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. O filme apresentou o seu ambicioso projeto "Gênesis", expedição que tinha por objetivo registrar, a partir de imagens, civilizações e regiões do planeta até então inexploradas. Um excelente material para discutir o tema da cultura e da diversidade cultural. Para o professor — mediador entre o educando e a cultura em que vivem — uma oportunidade para explorar a riqueza das imagens do cinema, postas num intenso diálogo com a fotografia.

Nesse sentido, descrever, questionar e interpretar as imagens, dialogar com os alunos acerca das diferenças culturais foram, metodologicamente falando, os caminhos encontrados. Nossa atenção se voltou à educação *para* a imagem, ou seja, *no aprender a ler e*, em diálogo com o tema da cultura, problematizá-la. Buscou-se, então, romper com o hábito de apenas ver a imagem e depois saber o que ela diz, mas ler e apreender o sentido, reconhecer os efeitos a partir do processo de projeção, identificação e transferência (PIMENTEL, 2011, 89).

A exploração das imagens das diferentes sociedades, organização estrutural, estética, hábitos e costumes de vidas, associadas à distribuição e leitura de um importante texto, cujo conteúdo abordava o homem enquanto ser cultural que se diferencia dos animais, seres biológicos, permitiu tornar sólido os saberes da sala de aula, uma vez que tema semelhante já havia sido discutido na escola. Com isso, o olhar etnocêntrico pôde dar espaço ao relativismo cultural, bem entendido nas passagens do susto e do riso ao “exótico” à compreensão crítica das imagens acerca de povos nômades e homens da floresta (nativos).

A última sessão foi a exibição do longa-metragem “Lincoln”, também uma biografia, mas agora sobre o 16º presidente norte-americano, Abraham Lincoln. O filme se passa durante a Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), que terminou com a vitória do Norte sobre o Sul dos Estados Unidos. Nele, narra-se a história do

incrível feito do presidente Lincoln, no qual, ao mesmo tempo em que se preocupava com o conflito, travava uma batalha ainda mais difícil em Washington. Tratava-se de passar uma emenda à Constituição dos Estados Unidos que garantiria o fim da escravidão.

Uma história belíssima e com uma fotografia bem-feita. O longa explora o debate sobre o valor da democracia, da inclusão dos negros na sociedade norte-americana, da Constituição e da importância da política. Destaca-se por ser um filme com um ritmo narrativo mais lento e reflexivo, apresenta importantes cenas históricas e cercadas por diálogos sobre as quais puderam ser feitas leituras com ousos das técnicas do cinema. Nesse caso, como mediador e analista, com um mínimo de conhecimento linguístico e cinematográfico, possibilitamos um modelo de leitura, o diálogo e a contextualização com o aluno (PIMENTEL, 2011, p. 103).

A grande relevância de assistir a esse filme foi discutir a importância da democracia e relacioná-la com o filme “O menino de pijama listrado”, uma ditadura de caráter nazista. Outros temas, acima ressaltados, foram postos em diálogo, a exemplificar o debate sobre os valores e o preconceito de cor que, em confronto com imagens cinematográficas, permitiram-nos a um maior conflito da realidade (PIMENTEL, 2011, p. 93). Encerrado o debate, a atividade que buscou aprofundar um pouco mais os saberes construídos em sessão, presentificou-se por meio de um texto escrito por parte dos educandos, no formato de uma reação aos dilemas do longa-metragem e da vida. Esse texto foi indicado para ser recolhido no encontro seguinte e, em sequência entregue a todos com as devidas correções e observações.

3.3. Resultados e avaliações parciais sobre a experiência do cinema na escola

Podemos dizer que a experiência do cinema trouxe consigo importantes resultados, sobretudo, na construção e desenvolvimento de saberes possíveis aos educandos, aos educadores e à escola de modo geral.

Assim, com os alunos, foi possível construir aprendizagens no campo das ciências humanas e fomentar o desenvolvimento de muitas competências, a citar como exemplo, a defesa de pontos de vistas por meio do debate. Citamos, também, a elaboração de um saber crítico, na possibilidade da construção de uma “cabeça bem-feita” (MORIN, 2003), isto é, de um saber relacional que, na prática, materializa-se pela capacidade de o aluno hierarquizar, comparar, relacionar os diversos saberes, situações e contextos, entre outros².

² Tanto foi assim que nas aulas de Sociologia e outras disciplinas, os estudantes ressaltavam filmes e situações que tocavam em abordagens propostas pelos docentes.

Para os professores, ressaltamos o enriquecimento do saber cultural ao lidar com o cinema e o aprendizado intelectual, necessário à realização de tarefas no campo da docência, o que abrange um aperfeiçoamento no planejar, um aprofundamento do conhecimento sobre a escola e o desenvolvimento de trabalho em participação com os alunos. Em se tratando da escola, mencionamos, preferencialmente, um aprendizado organizacional sobre o projeto, ao relacionar os diversos projetos, como o de cinema aos demais e mobilizar a escola como um todo, uma vez que tratava-se de um trabalho coletivo.

De maneira ampla, em nossa avaliação, destacamos três importantes desafios existentes às exposições, que de uma forma ou de outra, dificultaram um maior desenvolvimento do projeto na escola, quais sejam, a existência de uma variedade de temáticas abordadas que limitou o aprofundamento de determinados assuntos. A necessidade, de nossa parte, de um maior conhecimento de atividades ou dinâmicas para melhor trabalhar os saberes sociológicos com os educandos e, finalmente, a disponibilidade de tempo que tínhamos, bastante reduzida, para desenvolvermos o cinema.

4. Considerações finais

As experiências acima delineadas possibilitaram-nos perceber a importância do cinema na construção de saberes no ambiente escolar. Ao discutir as vivências educacionais, ressaltamos como prioridade a organização do cinema e as abordagens educacionais no campo da sociologia.

Desse modo, expomos as possibilidades de organização do projeto com o máximo de autonomia conquistada e participação dos educandos. Mostramos, entre outras coisas, que é possível inserir os alunos, do início ao fim e de maneira democrática, na construção do cinema. Seja na elaboração coparticipativa do calendário, seja nas escolhas temáticas e filmicas ou, ainda, na participação direta com as monitorias, entre outras coisas, contribuindo para uma aprendizagem com maior autonomia, atuação e compromisso dos educandos.

Com as sessões filmicas, os debates e as atividades educacionais, fomos em evidência as películas escolhidas em grupo, as abordagens educacionais e as reflexões nos variados temas da Sociologia. Dessa maneira, citamos, como indicações de atividades com o cinema, os filmes e as iniciativas pedagógicas com os alunos. Destacamos, também, a centralidade do debate na formação crítica dos discentes, acentuado o diálogo como metodologia fundamental na aprendizagem. Em suma, não nos resta dúvida da importância da Sociologia na formação

crítica do aluno, do mesmo modo que é impossível não notar a feliz contribuição do cinema no ambiente educacional-escolar.

5. Referências

ARAÚJO, Sílvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia: um olhar crítico**. São Paulo: Contexto, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand-Brasil, 2006.

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Sílvia Maria de; MOTIM, Benilde Lenzi. **Ensinar e aprender sociologia no ensino médio**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância: diálogos sobre educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; MACÊDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o Professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Cartilha ProEMI: indicativos e estratégias para o redesenho curricular no RN**. Natal/RN: [s.n.], 2015.

MORIN, Edgar. **A cabeça-bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In.: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: FDE, 2009.

OLIVEIRA, Luis Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. **Sociologia para jovens do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.

PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.